

**Constituição do grupo de pesquisa: legitimidade e hierarquia no cenário
universitário**

**Constitución del grupo de investigación: legitimidad y jerarquía en el ámbito
universitario**

**Constitution of a research group: legitimacy and hierarchy in the university
scenario**

Douglas Fonseca Campos¹

Gabrielly Da Boit de Oliveira²

July Helen Valle da Silva³

Joanah Dal Mas dos Santos⁴

Luciana Backes⁵

Resumo:

O tema emerge da problematização: como é percebida, sob o olhar de bolsistas de iniciação científica, a legitimidade e o tensionamento da estrutura hierárquica no grupo de pesquisa ao qual pertencem? O objetivo é compreender as formas inovadoras de constituir as relações entre os participantes a partir da percepção dos autores no GP COTEDIC UNILASALLE/CNPq. O trabalho configura-se como relato de experiência, de

¹Estudante do curso de Psicologia da Universidade La Salle, Unilasalle Canoas e bolsista de iniciação científica inserido no Grupo de Pesquisa Convivências e Tecnologias Digitais na Contemporaneidade (COTEDIC) UNILASALLE/CNPq, orientado pela Prof^a. Dr^a. Luciana Backes, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da referida universidade. Canoas, Brasil. E-mail: dfc.doudoug@gmail.com

²Estudante do curso de Psicologia da Universidade La Salle, Unilasalle Canoas. Bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), inserida no Grupo de Pesquisa Convivências e Tecnologias Digitais na Contemporaneidade (COTEDIC) UNILASALLE/CNPq, orientada pela Prof^a. Dr^a. Luciana Backes, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da referida universidade. Canoas, Brasil. E-mail: daboitgabrielly@gmail.com

³Estudante do curso de Letras da Universidade La Salle, Unilasalle Canoas. Bolsista de iniciação científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), inserida no Grupo de Pesquisa Convivências e Tecnologias Digitais na Contemporaneidade (COTEDIC) UNILASALLE/CNPq, orientada pela Prof^a. Dr^a. Luciana Backes, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da referida universidade. Canoas, Brasil. E-mail: julyhelen@gmail.com

⁴Estudante do curso de Psicologia da Universidade La Salle, Unilasalle Canoas e bolsista de iniciação científica do Grupo de Pesquisa Gestão Educacional nos Diferentes Contextos, orientado pelo Ir. Dr. Paulo Fossatti, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da referida universidade. Canoas, Brasil. E-mail: joanah.dalmas@hotmail.com

⁵Pós-Doutora em Ciências Sociais pela Université Paris Descartes – Sorbonne. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Doutora en Sciences de l'Education pela Université Lumière Lyon 2. Atua na Universidade La Salle, Unilasalle Canoas como professora-pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Centre Edgar Morin (Paris) como pesquisadora-convidada. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Convivência e Tecnologias Digitais na Contemporaneidade (COTEDIC) UNILASALLE/CNPq. E-mail: luciana.backes@unilasalle.edu.br

abordagem qualitativa e do tipo descritivo. Os resultados apontam: uma organização hierárquica surge na ausência da liderança original; a hierarquia interfere nas regras construídas com a liderança deslegitimando os participantes. Conclui-se a necessidade do caráter inovador na postura dos pesquisadores, para potencializar o sentimento de pertencimento dos participantes aos GP repensando a estrutura hierárquica, tradicionalmente instituída na academia. É importante que os pesquisadores instiguem a aceitação mútua para legitimar os participantes de modo que compreendam o significado da sua ação para a construção do conhecimento científico.

Palavras-chave: Legitimidade; Estrutura Hierárquica; Grupo de Pesquisa; Inovação; Brasil.

Resumen:

El tema emerge de la problematización: ¿cómo se percibe, bajo la mirada de bolsistas de iniciación científica, la legitimidad y el tensionamiento de la estructura jerárquica en el grupo de investigación que pertenecen? El objetivo es comprender las formas innovadoras de constituir las relaciones entre los participantes a partir de la percepción de los autores en el GI COTEDIC UNILASALLE/Cnpq. El trabajo se configura como relato de experiencia, de enfoque cualitativo y del tipo descriptivo. Los resultados apuntan: una organización jerárquica surge en la ausencia del liderazgo original; la jerarquía interfiere en las reglas construidas con el liderazgo deslegitimando a los participantes. Se concluye la necesidad del carácter innovador en la postura de los investigadores, para potenciar el sentimiento de pertenencia de los participantes a los GP repensando la estructura jerárquica, tradicionalmente instituida en la academia. Es importante que los investigadores instiguen la aceptación mutua para legitimar a los participantes de modo que comprendan el significado de su acción para la construcción del conocimiento científico.

Palabras clave: Legitimidad; Estructura Jerárquica; Grupo de Investigación; Innovación; Brasil.

Abstract:

The theme emerges from the problematization: how is perceived, by the perception of fellows of scientific initiation, the legitimacy and tension of the hierarchical structure in the research group to which they belong? The objective is to understand the innovative ways of building relationships between participants based on the perception of the authors in the COTEDIC UNILASALLE/CNPq research group. This paper is configured as a report of experience, with qualitative approach and descriptive type. The results point out: a hierarchical organization arises from the absence of the original leadership; the hierarchy interferes with the rules built with the leadership by delegitimizing the participants. It concludes the need of the innovative character in the posture of the researchers, to enhance the feeling of belonging of the participants to the research group rethinking the hierarchical structure traditionally instituted by academia. It is important that researchers instill mutual acceptance to legitimize participants so that they can understand the meaning of their action for the construction of scientific knowledge.

Keywords: Legitimacy; Hierarchical Structure; Research Group; Innovation; Brazil.

1 INTRODUÇÃO:

As instituições de ensino superior (IES) têm como objetivo a articulação entre o tripé: ensino, pesquisa e extensão. Pinho (2017) ressalta que, algumas IES brasileiras pouco se vinculam à pesquisa e alguns dos motivos apontam para a falta de engajamento dos professores e de investimentos das agências de fomento. A autora ainda destaca o desafio que muitas IES passam para relacionar ensino e pesquisa.

De acordo com Pinho (2017), alguns avanços da pesquisa nas IES brasileiras podem ser percebidas por meio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), e por duas agências de fomento à pesquisa, sendo elas: Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). No contexto da Universidade La Salle evidenciamos os avanços a partir do engajamento de professores-pesquisadores vinculados aos programas de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*), bem como o apoio da Sociedade Porvir Científico (Fundação La Salle), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs) com orçamentos disponíveis para projetos e bolsas para estudantes, nesse contexto também contamos com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Nesse âmbito que se dá o início da inserção da iniciação científica nas IES.

Assim como os investimentos na iniciação científica, sua inclusão na pauta das IES foram lentas (Pinho, 2017), porém significativas. A inserção de bolsistas de iniciação científica e demais alunos interessados na atuação de projetos de pesquisa são indispensáveis para a relação entre a graduação e a pós-graduação, visto que essa atitude estimula o desenvolvimento do aluno inserido no campo da pesquisa acadêmico-científica para a entrada na pós-graduação e a contextualização das práticas de pesquisa no próprio meio educacional desde a Educação Básica à Educação Superior.

As atividades exercidas por alunos da iniciação científica contribuem para a autonomia, criatividade e desenvolvimento do raciocínio crítico (Pinho, 2017). Portanto, a prática da pesquisa pode atribuir ao estudante uma nova perspectiva da realidade e da academia, além de possibilitar uma nova área de atuação, na qual poderá ser percebida por meio da evolução acadêmica, profissional e pessoal. O desenvolvimento dos projetos de pesquisa, com a participação dos bolsistas de iniciação científica, assumem um caráter mais articulador com a

realidade. Ademais, ressalta-se o papel dos grupos de pesquisa na construção do conhecimento acadêmico-científico dos alunos inseridos na iniciação científica, estabelecendo diálogos importantes entre pesquisadores, estudantes e participantes da pesquisa.

A construção do conhecimento dos bolsistas de iniciação científica ocorre mediante a socialização entre os mesmos, seu orientador e o grupo de pesquisa (GP). Manter uma relação dialógica entre o estudante e o GP possibilita a ampliação das percepções, bem como da metodologia e rigorosidade que a pesquisa exige. Conforme Pinho (2017), o estímulo do grupo de pesquisa pode ser notado por meio do engajamento do bolsista em determinada área do conhecimento, da inserção no universo da pesquisa científica, do incentivo para conhecer, descobrir e produzir.

Assim, o grupo de pesquisa Convivências e Tecnologias Digitais na Contemporaneidade COTEDIC UNILASALLE/CNPq, vinculado à Universidade La Salle e cadastrado no CNPq, foi criado a partir do cenário universitário como uma das possibilidades de construir vínculos e diálogos com mestrandos, doutorandos e pesquisadores, além de oportunizar a inserção de estudantes de graduação na pesquisa acadêmica, como bolsistas de iniciação científica. Para esses últimos, participar de um GP traz muitos benefícios como o estreitamento de laços no meio acadêmico, exploração de campos empíricos, desenvolvimento da expressão escrita, oral e crítica, bem como a participação em eventos científicos. Mas independentemente do nível de escolaridade e o campo de atuação, em um grupo de pesquisa, é importante que cada participante contribua com as suas experiências, inquietações e hipóteses para a construção de novos conhecimentos por meio da interação.

Para que esse processo de interação se efetive é necessário o compartilhamento das percepções, vivências e conhecimentos prévios, identificando as aproximações e distanciamentos, fazendo emergir as perturbações próprias de uma pesquisa científica. Para isso todos os participantes precisam se sentir legitimados no grupo, a partir das variadas esferas de trabalho que compõem o universo acadêmico. Dessa forma, entende-se a relevância do “operar na ação” entre os participantes, isto é, a cooperação que ocorre por intermédio da aceitação e do respeito mútuo (Maturana, 2005), por meio do reconhecimento do outro como ser legítimo, impulsionando a constituição das relações heterárquicas.

Posto isso, o *locus* desta pesquisa concentra-se em refletir sobre as vivências nas relações científicas estabelecidas no grupo de pesquisa referido. O tema versa sobre a

seguinte problematização: como é percebida, sob o olhar de bolsistas de iniciação científica, a legitimidade e o tensionamento da hierarquia no grupo de pesquisa ao qual pertencem? Assim, o objetivo consiste em compreender as formas inovadoras de constituir as relações entre os participantes, a partir da percepção dos autores e também bolsistas de iniciação científica, no GP COTEDIC UNILASALLE/CNPq. Para isso, o trajeto metodológico configura-se como relato de experiência, de abordagem qualitativa e do tipo descritivo, visto que parte da observação participante do grupo de pesquisa. Após, será exposto os relatos das vivências dos autores no grupo de pesquisa, resultados e discussões e as considerações finais.

2 TRAJETO METODOLÓGICO

Fortunato (2018) aponta a descrição como elemento essencial para o relato de experiência, desta forma, o autor apresenta a metáfora da receita como base para a estruturação da metodologia. Para ele, a metáfora da receita de bolo vai além da sua reprodução fiel, mas funciona como uma base, sendo possível adaptá-la conforme a sua realidade. Para a construção do relato de experiência, Fortunato (2018) demonstra alguns passos essenciais que devem ser considerados, sendo eles:

- 1) Antecedentes: aqui o autor se refere ao contexto que precedeu a experiência;
- 2) Local: lugar geográfico em que a experiência se deu. Descrição exata do contexto na qual foi desenvolvida a experiência;
- 3) Motivo: ponto de partida para o relato de experiência. Qual o motivo da ação?
- 4) Agente(s): quem irá agir?
- 5) Envolvidos: com quem se está trabalhando?
- 6) Epistemologia para ação: o autor se refere ao pilar da prática educativa;
- 7) Planejamento: qual o cronograma utilizado?
- 8) Execução: parte das ações planejadas, ou seja, do cronograma;
- 9) Análise por uma lente teórica: diferente da epistemologia para ação, a análise por uma lente teórica é fluída. Ela consiste em “uma análise sobre” podendo ser alterada conforme a ótica desejada para a experiência.

Sobre o relato de experiência, elucidamos diante da perspectiva do presente estudo:

1) O antecedente consiste na inserção e participação de bolsistas de iniciação científica em um grupo de pesquisa e o relato de suas vivências acerca das percepções nesse cotidiano;

2) O local se dá no grupo de pesquisa: Convivência e Tecnologia Digital na Contemporaneidade (COTEDIC) UNILASALLE/CNPq, vinculado à Universidade La Salle e cadastrado no CNPq;

3) O motivo surge a partir do seguinte questionamento que emerge dos bolsistas de iniciação científica: como é percebida, sob o olhar de bolsistas de iniciação científica, a legitimidade e o tensionamento da hierarquia no grupo de pesquisa ao qual pertencem?

4) Os agentes consistem nos bolsistas de iniciação científica, internos (UNILASALLE) e externos (FAPERGS e CNPq) do referido grupo de pesquisa, bem como a liderança do mesmo (professora-pesquisadora);

5) Considera-se os sujeitos da pesquisa todos os participantes do grupo de pesquisa: graduandos e bolsistas, mestrandos, doutorandos, pesquisadores, professores e liderança;

6) A epistemologia para a reflexão sobre a ação parte do pensamento sistêmico, na perspectiva de Maturana e Varela (2002), explorando conceitos como interação, cooperação e o emocional no conviver. Portanto, para os autores todo viver é um conhecer e todo conhecer ocorre no viver.

7) O planejamento advém do cronograma de encontros do grupo de pesquisa;

8) A execução se dá a partir das observações participantes dos encontros do grupo de pesquisa, realizados quinzenalmente, na modalidade presencial e/ou on-line, para as atividades referentes aos projetos de pesquisa, dissertações e teses, bem como discussões referentes aos referenciais teóricos ;

9) A análise por uma lente teórica: Maturana e Varela (2002) e suas considerações sobre a configuração do espaço de convivência e a legitimidade dos seres humanos.

Assim, temos o desafio de tornar esse relato de experiência em uma pesquisa, a partir de Fortunato (2018), que aponta um caminho metodológico possível. Mas, afinal, o relato de experiência pode ser entendido como conhecimento científico? Fortunato (2018: 37) responde a esse questionamento e destaca: “experiência é um dos mais importantes – muitas vezes, o único – meios de se colocar [...]”. Nesse sentido, Lakatos e Marconi (2000) já

apontavam a diferenciação entre conhecimento científico e conhecimento popular ao ressaltar que o conhecimento científico advém de um método, no qual faz-se o uso de instrumentos.

Posto tudo isso, além do relato de experiência, esse estudo é de abordagem qualitativa e do tipo descritivo. Como reitera Will (2012: 63), “na abordagem qualitativa, o pesquisador participa, compreende e interpreta”. Portanto, corrobora-se com o exposto da autora quando aponta a singularidade contida na experiência vivida do pesquisador. Will (2012) ressalta o papel da descrição na abordagem qualitativa como uma das cinco características básicas dessa abordagem. Portanto, a descrição detalhada é essencial para a compreensão do motivo (Fortunato, 2018) e do fenômeno que está sendo pesquisado (Will, 2012).

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 PERCEPÇÕES: DE QUE FORMA SE ESTRUTURAM AS RELAÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA?

Seguindo os passos descritos por Fortunato (2018) para a construção de um relato de experiência, passa-se agora a discorrer sobre as vivências dos autores no grupo de pesquisa do qual fazem parte. Sendo assim, é importante ressaltar que o grupo embasa-se na teoria de Maturana e Varela sobre a Biologia do Conhecer, compreendendo que todos os seres humanos são seres legítimos no processo de aprendizagem e que possuem vez e voz (Maturana & Varela, 2002), configurando um espaço de convivência próprio e particular.

O grupo é constituído pela liderança, por mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle, pesquisadores de diferentes IES, professores da Educação Básica da rede pública e bolsistas de iniciação científica, sendo esses últimos inseridos por meio de diferentes cursos de graduação. Considerando essa realidade, os bolsistas de iniciação científica participam no grupo de pesquisa a partir de outras bases teóricas, necessitando aproximação das teorias que embasam as atividades e projetos. Esse fato é enxergado como uma oportunidade para o desenvolvimento de articulações entre as áreas originais de formação dos bolsistas, as novas teorias estudadas e a ampliação do conhecimento científico, numa perspectiva interdisciplinar.

Como mencionado anteriormente, as reuniões do grupo de pesquisa ocorrem

quinzenalmente, nas terças-feiras, na modalidade presencial e/ou on-line. É nesse período que os participantes discutem e compartilham saberes sobre os projetos de pesquisas em andamento, estudos sobre referencial teórico e demais atividades relacionadas ao GP. Essas discussões são mediadas pela liderança do grupo, que tem a intenção de configurar um espaço de convivência, segundo Maturana e Varela (2002) em que todos compartilham suas percepções, identificam as perturbações e, em interação, superam as inquietações a partir de novas ações. Para tanto, é importante que os participantes se sintam legitimados, uns pelos outros, em suas falas e nos seus conhecimentos.

Nas ações propostas no grupo de pesquisa, em algumas ocasiões é necessário a formação de subgrupos para o planejamento e/ou discussão de algum tópico específico. Nessas formações, os participantes são agrupados por áreas de interesse comum ou afinidades científicas, sem uma organização por nível de escolaridade, pois compreende-se que a configuração do espaço de convivência ocorre a partir do compartilhamento e das perturbações entre os diferentes participantes, por meio da diversidade dos conhecimentos. Assim, os bolsistas aprendem com mestrandos, doutorandos, pesquisadores e professores e vice-versa, porque ambas as partes legitimam o outro como construtor de conhecimento.

Dessa forma, o grupo se estabelece a partir de uma convivência com relações heterárquicas, na qual o poder de fala e de decisão não pertence a apenas uma pessoa e/ou um grupo seletivo, mas sim ao grupo de pesquisa como um todo. Para Backes, Schlemmer, Ratto (2017), as relações heterárquicas se configuram quando todos os participantes se sentem e são autores de suas aprendizagens, expressando-se sem restrições e sem a necessidade de autorização, pois entendem que aquele espaço também é seu.

Para tanto, é fundamental considerar a legitimidade do outro, isto é, não negar a existência e o conhecimento do outro - valorizar desde as suas experiências às suas contribuições dentro de um grupo -, ou seja, o entendimento de que o outro também é capaz de colaborar nas demais áreas e não somente na sua de estudo, devido às suas vivências e conhecimentos prévios. Assim, configura-se o espaço de convivência na aceitação mútua (Maturana, 2005), conservando o sentimento de pertencimento dos participantes ao GP. Vale ressaltar que a ideia de liderança é incorporada quando ocorre: desvirtuações bruscas do que foi solicitado ou do objetivo da pesquisa, a exclusão de algo ou alguém e quando surge a necessidade de problematizações, mediações ou reformulações.

Na figura 1, é apresentada a organização do grupo de pesquisa COTEDIC UNILASALLE/CNPq, na configuração do espaço de convivência, mediante uma estrutura heterárquica. Note que, apesar de existir uma liderança com o propósito de problematização e/ou mediação, todos os participantes são inseridos em um mesmo contexto, sem divisões internas:

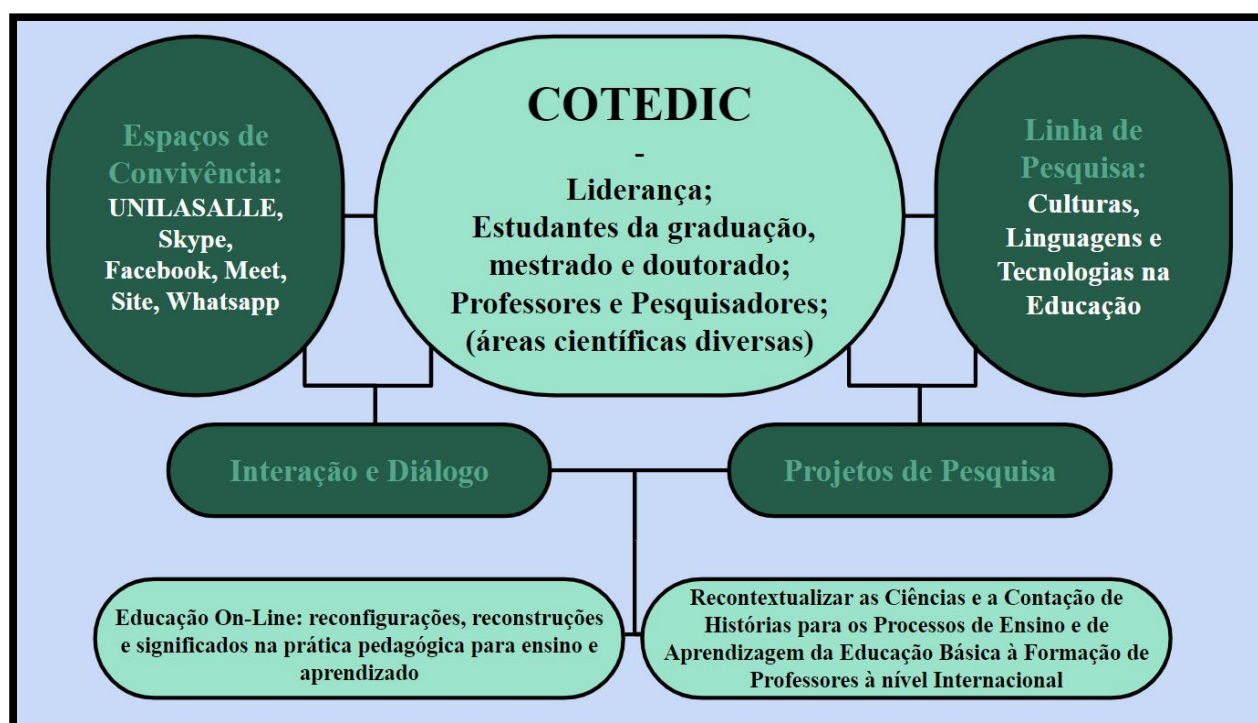


Figura 1. Heterarquia do Grupo de pesquisa.

Fonte: autoria própria (2020).

Essa organização heterárquica entre os participantes é constituída por meio dos espaços de convivência (sejam eles presenciais ou na modalidade online). Esses espaços são os ambientes nos quais as interações, diálogos e cooperações são possibilitadas. As relações também se fortalecem por meio da construção e desenvolvimento dos projetos de pesquisa, que permitem que os participantes possam construir, desconstruir e reconstruir novos conhecimentos a partir dos estudos, observações e pesquisas realizadas.

A figura 2 é uma representação de como ocorrem as relações nessa estrutura heterárquica:

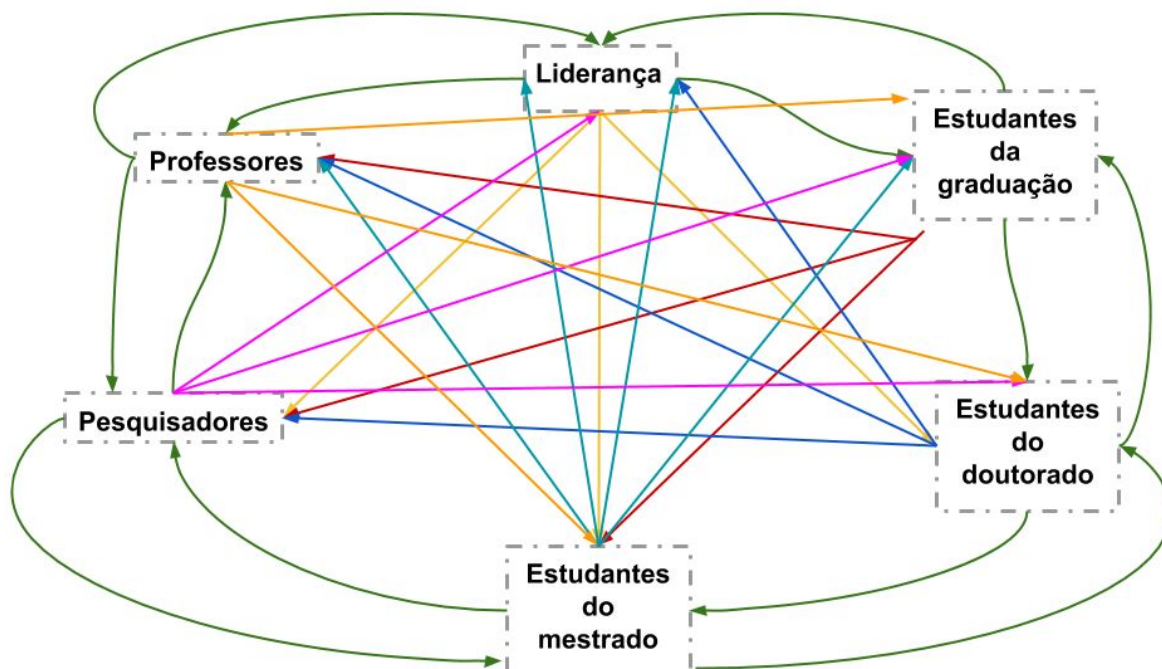


Figura 2. Relações heterárquicas no Grupo de Pesquisa.

Fonte: autoria própria (2020).

No entanto, percebe-se uma mudança de comportamento na convivência, quando os participantes são expostos a uma circunstância atípica: a ausência da professora-pesquisadora, à qual é incumbida a liderança permanente. Nos momentos em que isso ocorre, percebe-se que a estrutura do grupo de pesquisa passa por uma reorganização. Então, nessas mudanças foi observado que alguns participantes do GP tentam assumir a posição de liderança e/ou serem considerados pela maioria como uma nova liderança temporária.

O primeiro efeito dessas mudanças é a transformação das relações do grupo em uma estrutura hierárquica. Os motivos envolvem a formatação tradicional construída na nossa história educacional e a necessidade dos participantes em terem uma figura de referência central. Essa figura pode ser definida a partir dos critérios: tempo de participação do GP, nível de formação acadêmica ou por voz ativa⁶ durante as reuniões. O segundo efeito é a necessidade de se adaptar à “nova liderança”, principalmente a partir dos conhecimentos científicos que ela aporta em detrimento dos conhecimentos construídos pelo grupo.

Essa adaptação necessária para a efetivação da “nova liderança” interrompe a configuração da convivência, a partir de uma nova organização que se dá na deslegitimidade dos conhecimentos já construídos no coletivo, na diminuição das falas, nos posicionamentos

⁶Para os autores, a voz ativa é quando o sujeito se expressa, tem autonomia e iniciativa.

e nas contribuições dos participantes e, por consequência, diminui a produção na reunião e a construção de novos conhecimentos. Sem interação e sem questionamentos opostos, a “nova liderança” assume o direcionamento da reunião, podendo organizar tarefas e grupos de produção pré-determinados, gerando atrasos e a não realização de atividades já estabelecidas anteriormente.

É importante salientar que essa nova estrutura não é explícita para todos e tão pouco há a tomada de consciência dos participantes. Isso será discorrido com maior aprofundamento nas discussões, mas, por enquanto, basta dizer que os próprios autores demoraram para compreender essas mudanças e, por isso, essa estrutura hierárquica será nomeada aqui de “hierarquia oculta”. Na figura 3, é apresentado um esboço de como essa nova organização aparece:

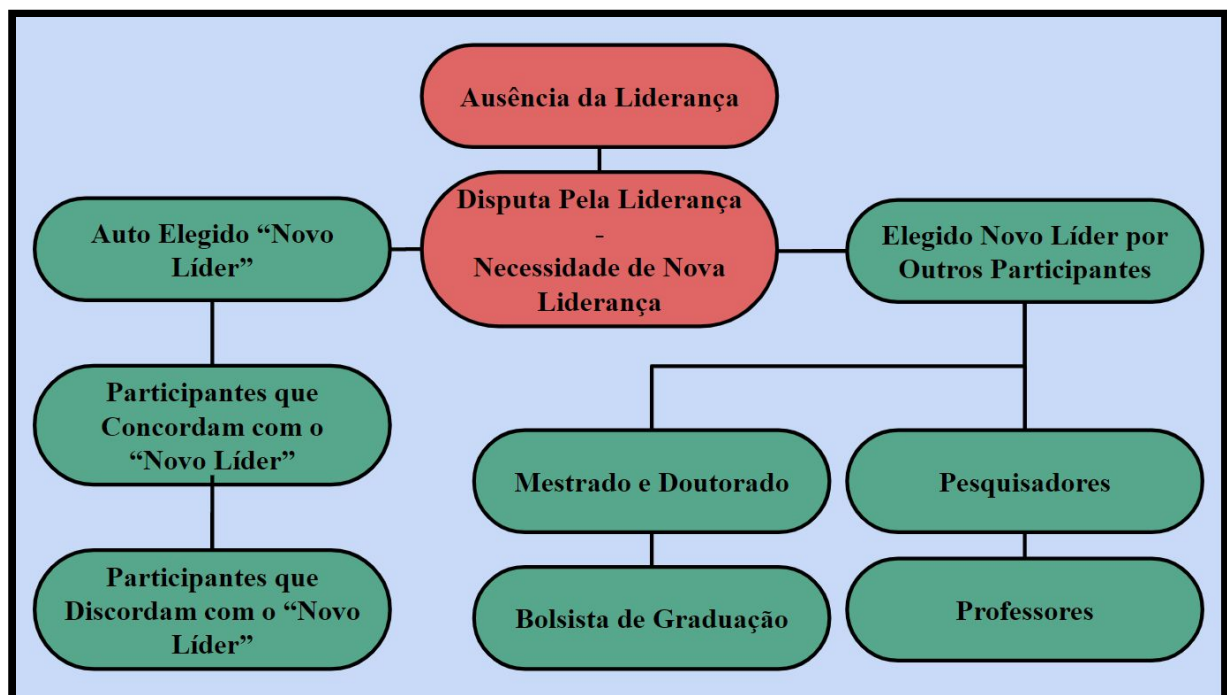


Figura 3. Hierarquia oculta do Grupo de pesquisa.

Fonte: autoria própria (2020).

A estrutura hierárquica, ao ser observada mais profundamente, evidencia, na maioria das vezes, uma redistribuição que ocorre a partir dessa nova organização, por meio de níveis de escolaridade. Essa nova divisão é experienciada por todos os participantes, incluindo os bolsistas de iniciação científica, referente à distribuição de tarefas, conforme grau de complexidade e de subordinação, bem como nas participações durante as reuniões, quando

tendem a direcionar sua fala somente aos outros participantes que estão em um mesmo nível acadêmico.

Esse fato pode ser exemplificado com o relato de uma das reuniões do grupo de pesquisa onde a liderança, ao se fazer ausente, designou como responsáveis os bolsistas de iniciação científica. Nessa situação, a ideia era vivenciar no COTEDIC UNILASALLE/CNPq o compartilhamento da liderança entre mais de um indivíduo e a coordenação do mesmo por participantes mais jovens. Além disso, pelo cronograma, essa data estava reservada para as apresentações das pesquisas dos próprios bolsistas de iniciação científica. A atribuição foi explicitada no bate-papo do grupo do *WhatsApp*, no qual todos os integrantes do GP estão adicionados.

No início da reunião, conforme foram se conectando, os participantes interagiram normalmente falando sobre assuntos triviais. Em um determinado momento, no horário estipulado pela reunião, a conversa tomou um outro rumo, pois dois participantes discutiam um assunto comum, enquanto os demais aguardavam para dar início à reunião. Os bolsistas tentaram diversas vezes interromper o fluxo da conversa, porém não houveram “janelas” na discussão para que eles pudessem, de forma dialógica, iniciar a pauta do encontro.

Essa situação resultou em desconforto para os bolsistas, que, não conseguindo reverter o ocorrido, também não conseguiram interagir com os demais participantes sobre suas pesquisas, apresentando dificuldade no direcionamento da reunião e na mediação entre os interlocutores. Após o avançado da hora, houve uma brecha para que um dos bolsistas retomasse a palavra e o mesmo solicitou que a reunião inicia-se imediatamente, pois já estavam com 20 minutos de atraso. Nessa situação precisamos considerar dois aspectos: o desejo dos bolsistas de iniciação científica e da líder do grupo que os demais participantes interagissem com as pesquisas individuais dos bolsistas para ampliação e construção dos novos conhecimentos; o desejo de alguns participantes de fazerem interações específicas com outros colegas, considerando a necessidade de distanciamento social⁷.

Essas interferências, nas mediações, não acontecem apenas em relação aos bolsistas, como foi observado em outra reunião na qual a liderança também não estava presente. Um participante do GP foi convidado a mediar o encontro no qual seriam definidas as temáticas dos próximos artigos escritos e a divisão de autores após a conclusão de um dos projetos de

⁷A necessidade de distanciamento social é requerida no presente momento, em razão da pandemia do COVID-19, no qual está sendo redigido este texto.

pesquisa. Ao iniciar a reunião, outro participante do grupo se colocou como voz ativa passando a sugerir como deveriam ser organizadas essas distribuições. A diferença entre os dois participantes era a conclusão de um doutorado.

Enquanto o grupo definia a distribuição de autores por artigo, foi chegado ao consenso de que seria importante que os autores fossem intercalados em seus níveis de escolaridade. Isto é, um doutorando, um mestrando e um bolsista seriam autores de cada um dos artigos construídos. Essa distribuição é um reflexo de uma organização heterárquica, justificada por um dos participantes que afirmou ser significativo ter percepções diferentes sobre um mesmo tema.

O mesmo participante que apresentou a ideia da distribuição, se referiu a ela como uma “organização por castas”. Essa fala não causou estranhamento nos outros participantes do grupo de pesquisa, apesar de ser repetida novamente ao longo da reunião. Com base na descrição dessa situação, percebe-se que apesar do participante em questão e do grupo compreender que é a partir de uma configuração de relação heterárquica que é possível problematizar e construir conhecimentos, ainda há resquícios de uma estrutura tradicional acadêmica entre pesquisadores e estudantes, com princípios autoritários. No tensionamento entre essas expressões incoerentes com o que o grupo acredita e que são apresentadas por um único participante sem o questionamento e/ou aceitação dos outros participantes, revela-se a necessidade da tomada de consciência de que um grupo de pesquisa não é só de alguns, mas de todos os participantes.

Nesses dois relatos podemos refletir sobre como ocorre a legitimidade. Pois não é necessário apenas legitimar o outro, mas se perceber como ser legítimo pelo outro e por si. Isso acontece por meio da tomada de consciência. A omissão na fala ou posicionamento, perpetua a constituição hierárquica gerada a partir da ausência da liderança. Essa omissão pode ser originada por um medo de “não ter nada para contribuir” ou “não ser a melhor pessoa para mediar uma reunião”, mesmo que esse sentimento e comportamento seja contrário às configurações grupo de pesquisa na convivência. Pois, na verdade, entende-se que os conhecimentos são construídos no compartilhamento de significados, logo, eles devem ser expostos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do relato descrito pelos autores e com base na problemática discutida no artigo e no seu objetivo, é possível encontrar dois principais resultados que apontam como é experienciada a legitimidade dos participantes no grupo de pesquisa e como se constitui a sua estrutura. Os resultados apontam que: a) há uma organização hierárquica que surge somente quando ocorre a ausência da liderança original; b) a nova hierarquia interfere nas formas de conviver configuradas com a liderança e emerge o autoritarismo, interferindo na legitimidade dos participantes.

Como mencionado anteriormente, no relato de experiência, o grupo de pesquisa é configurado como um espaço de convivência a partir de uma relação heterárquica, mas com a ausência da liderança é observado que o grupo se reestrutura por meio de uma relação hierárquica. Essas duas são opostas, enquanto as relações heterárquicas são configuradas por meio “do respeito mútuo, da aceitação mútua e da solidariedade” (Backes, Schlemmer & Ratto, 2017: 1208), as relações hierárquicas se configuram por meio de alocações de poder, dando voz àquele(s) que estão em uma posição superior aos demais.

Essa organização hierárquica que emerge subitamente, não é percebida por todos os participantes, surgindo de forma oculta. Assim, é possível pensar que essa hierarquia aparece devido aos reflexos de uma estrutura tradicional instituída desde a educação básica, como explica Silva:

A autoridade, a hierarquia e a participação permitidas, a partir daí, nas escolas, seja na relação professor-aluno, direção-professores, direção-pais, são legitimadas por diferentes elementos. A princípio, a autoridade do professor é conferida legalmente por sua formação; na relação com os alunos, pelo reconhecimento do saber do qual ele é detentor; na relação com a direção, pelo cargo que o primeiro ocupa (Silva, 2001: 132).

Ou seja, a hierarquia que emerge no GP, mediante a ausência da liderança, é uma reprodução da disposição da legitimidade no ambiente acadêmico. Este conceito se faz presente na história dos participantes que compõem o grupo, a ideia de que o professor é o que fala e o estudante é o que escuta e que alguém precisa ocupar o centro das atenções. Porém, essa lógica não é configurada nas convivências do grupo de pesquisa em análise, porque entende-se que o conviver é o viver compartilhado com o outro, portanto, busca legitimar todos os participantes igualmente, conforme suas especialidades, conhecimentos, experiências e contribuições.

A partir da nova hierarquia, que é constituída na ausência da liderança, percebe-se divisões entre os participantes e uma das que foi apresentada durante o relato dos autores é a divisão pelo nível de escolaridade. De acordo com Pichon-Rivière (2007), as noções de papéis influenciam o vínculo constituído pelos sujeitos. Apesar do autor referir sua fala para o contexto da psicologia clínica, a sua teoria de vínculo é aprofundada para todas as relações grupais. A identificação, portanto, é uma influência para a aproximação e o afastamento, sendo esse um movimento intrínseco do ser humano. É o que acontece quando os participantes do grupo de pesquisa vivenciam a ausência de sua liderança, eles se adaptam aos pares semelhantes, aqueles que possuem maior identificação.

Apesar de ser um movimento natural, não significa que ele sempre será benéfico. No caso do grupo de pesquisa, esse movimento aparece como um limitador das construções coletivas. Segundo Maturana (2005), é no conviver com o outro que é possível aprender, sendo transformado pela experiência e conhecimento do outro. Ao ocorrer divisões a nível acadêmico no grupo de pesquisa, perde-se a oportunidade de ouvir diferentes percepções. Também, não há nenhuma perturbação, pois passa-se a ouvir aquilo que já se experiencia por conta própria. Mas, mais do que isso, perde-se a oportunidade de construir conhecimentos.

Uma vez que os participantes se submetem à hierarquia, surge o consenso automático em relação às propostas apresentadas pela “nova liderança”, sem o dissenso a ideais e falas, elas representam uma verdade que por muitas vezes pode estar equivocada, como a proposta de “organização por castas”, que, conforme explica Solomon Asch, a partir do resultados de sua pesquisa:

A vida na sociedade exige o consenso como condição indispensável. Mas, para ser produtivo, o consenso exige que cada indivíduo contribua de forma independente, a partir de sua experiência e sua intuição. Quando o consenso aparece sob o domínio do conformismo, o processo social está poluído e, ao mesmo tempo, o indivíduo renuncia a capacidades de que depende sua atuação como um ser que pensa e sente. O fato de termos verificado que a tendência para o conformismo é tão intensa em nossa sociedade que o fato de jovens razoavelmente inteligentes e bem intencionados se disporem a dizer que o branco é preto é algo que deve causar preocupação (Asch, 1956: 8).

Outro fator que é influenciado pelas divisões é a própria legitimidade dos participantes no grupo de pesquisa. É importante ressaltar que não é discutido somente sobre o ato de legitimar o outro, mas sobre se perceber legítimo para o outro e para si mesmo. Ao se adaptar à nova organização que remete a um modelo tradicional de estrutura educacional, os participantes se reenquadram em uma lógica de distribuição. Segundo Marchand (1987) apud

Backes e Vaz (2018), esse conceito está relacionado à recepção dos estudantes aos conhecimentos como meros consumidores, sem o espaço para problematizá-los ou repensá-los por meio do seu cotidiano. Para Maturana e Varela (2002), antes de aceitar a si, é necessário aceitar o outro. Portanto, entende-se que para se reconhecer como ser legítimo, é necessário antes reconhecer o outro.

Ainda nesse contexto, deslegitimar o outro é esquecer que “nada é insignificante” (Pereira, 2009). Ao apontar as atitudes essenciais para os educadores, o autor enfatiza a importância da inclusividade, nesse caso “incluir é abrir-se e estar atento a tudo o que está dentro e fora de nós” (Pereira, 2009). Assim, pensa-se que, no cenário do grupo de pesquisa referido, legitimar é se permitir ouvir e aceitar aquilo que se concorda ou discorda. Quando é mencionado que é necessário “aceitar o que se discorda”, não é falado como uma forma de imposição, mas de aceitação de que as vivências e percepções do outro, apesar de serem diferentes das minhas, são válidas.

As observações a respeito de grupos feita por Lewin e Lewin (1970) podem ser adaptadas à realidade do GP:

O grupo cordial, aberto, cooperativo e cheio de vida, tornou-se, ao cabo de apenas meia-hora, uma reunião apática, sem iniciativa. A mudança de autocracia para democracia parecia levar um pouco mais de tempo que de democracia para autocracia. A autocracia é imposta ao indivíduo. A democracia, ele a precisa aprender (Lewin & Lewin, 1970: 93).

Na realidade do GP, abrir mão da legitimidade para seguir ideais autoritários dentro de uma hierarquia, mesmo que apenas durante as reuniões onde existe a ausência da liderança, é processo custoso que gera pouco/nenhum retorno, sem excluir o fato de que as relações voltarão a ser heterárquicas no retorno da liderança. Como afirmado por Lewin e Lewin (1970), mudanças em grupos já estruturados levam tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as relações do grupo de pesquisa analisado são configuradas a partir de uma estrutura heterárquica, porém há uma nova organização e adaptação dos participantes quando eles se deparam com a ausência da liderança. Essa nova relação se configura em um modelo hierárquico, conforme a estrutura tradicionalmente instituída pelo cenário acadêmico e as experiências em outros grupo dos quais pertencem. Ela se apresenta em uma forma

“oculta”, pois nem todos os participantes do grupo a percebem ou tomam consciência de sua existência.

Nesta nova relação, são vivenciados desafios no grupo de pesquisa e o principal deles é a legitimação do outro. Ressalta-se que essa legitimação deve ocorrer por meio de uma perspectiva de aceitação mútua, conforme Maturana (2005), ou seja, em uma relação de interdependência. Eu aceito o outro como ele é e com os conhecimentos que ele tem e ele me aceita como sou e com os conhecimentos que eu tenho e, juntos, a partir de um olhar legitimador, nos perturbamos e construímos novos conhecimentos por meio das nossas vivências.

Do mesmo modo, compreende-se que todos os grupos interferem no comportamento dos seres humanos, o movimento de representação de papéis nos grupos é natural e isso não é diferente em um GP. Porém, é importante compreender que os grupos também possuem singularidades. Segundo Pichon-Rivière (1998), a singularidade de um grupo é construída a partir das vivências subjetivas e coletivas de seus participantes. Assim, parte-se do princípio de que o COTEDIC UNILASALLE/CNPq é um grupo singular e ele só é único por causa das vivências subjetivas e coletivas que são constituídas por meio dele.

As dificuldades de aceitar o outro só são ultrapassadas por meio do agir, portanto, é necessário desde de agora uma tomada de consciência sobre as realidades experimentadas. A legitimidade é sobre ouvir e aceitar a percepção do outro como significativa, em nenhum momento é afirmado que deve-se concordar com ela, mas aceitá-la como experiência subjetiva, parte de um corpo, corpo este que é o grupo de pesquisa e encontrar um meio de aprender com essa nova percepção.

Entende-se também que a história do grupo é permeada por suas teorias e posicionamentos epistemológicos. Ao observarmos o GP referido, percebe-se que ele foi construído a partir de um embasamento teórico articulado com os conceitos do que é ensinar e aprender a partir da convivência, como seu próprio nome sugere, segundo a perspectiva da liderança. E essa liderança é que ensina, problematiza e media as relações dos participantes para que eles também possam compreender a partir dos conceitos teóricos, na prática, como se configura uma relação de interdependência e legitimidade e, juntos, participantes e liderança, aprendem sobre a convivência.

Dessa forma, acredita-se que é necessário que o sentimento e a postura do COTEDIC UNILASALLE/CNPq continuem, mesmo quando a figura da liderança não está presente. A

permanência, nesse caso, é o ato de demonstração que o grupo é um só, composto por diferentes pessoas, histórias e experiências, mas singular em sua essência.

REFERÊNCIAS:

- Asch, S. E. (1973). Opiniões e pressão social. *WC MORSE, GM WINGO. Leituras de Psicologia Educacional*. São Paulo: Editora Nacional, 437-433.
- Backes, L.; Vaz, D.. (2018). *Processos de ensino e aprendizagem na cibercultura* [recurso eletrônico]. Canoas: Universidade La Salle EAD.
- Backes, L.; Schlemmer, E.; Ratto, C. G. (2017). A convivência de natureza digital virtual nas tribos: formação na perspectiva do hibridismo tecnológico digital. *RIAAE - Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 22(2), 1194-1216. Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9881/6681> em 10 de out. de 2020.
- Fortunato, I. (2018). O relato de experiência como método de pesquisa educacional. In. Fortunato, I.; Shigunov Neto, A. (Orgs.). *Método(s) de Pesquisa em Educação* (pp. 37-50). São Paulo: Edições Hipótese.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. de A. (2000). *Metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas.
- Lewin, K.; Lewin, G. W. (1970). *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix.
- Maturana, H. R. (2005). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Maturana, Humberto R; Varela, F. (2002). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 2. ed. São Paulo: Palas Athenas.
- Pereira, P. *Paradigma Integral*. Uma resposta a fragmentação na educação. Indaial: Ed. Uniasselvi, 2009.
- Pichon-Rivière, E. (1998). *O processo grupal*. 6. ed. São Paulo: Martins Flores.
- Pichon-Rivière, E. (2007). *Teoria do vínculo*. 7. ed. São Paulo: Martins Flores.
- Pinho, M. J. de. (2017). Ciência e ensino: contribuições da iniciação científica na educação superior. *Revista Avaliação*, 22(03), 658-675. Recuperado de <https://bit.ly/2F0EsBQ> em 29 de set. de 2020.
- Silva, J. Cultura escolar, autoridade, hierarquia e participação: alguns elementos para reflexão. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, nº 112, p. 125-135, mai. 2001.

Will, D. E. M. (2012). *Metodologia da pesquisa científica*: livro digital. 2. ed. Palhoça: UnisulVirtual.